

## D' Escola (a) escola – um percurso

Rita Martins<sup>1</sup>

No começo da formação, aquele que se propõe analista, encontra lugares de transferência de trabalho na Escola. Seminários, grupos de leitura, cartéis. O que conduz o participante, inicialmente, é o seu não saber, pois ele busca um saber. Portanto, o endereçamento inicial, sempre é para aqueles lugares, onde se crê que o saber circula. Uns sabem mais que os outros e transferem o que sabem para os que sabem menos. É o que se pensa quando se está no início do percurso de uma formação em psicanálise.

É reconhecível que se necessite de tempo, para se perceber que as leituras daqueles que nos precederam, funcionam como um farol que ilumina alguns pontos; para logo, em seguida, deixar o mesmo conteúdo na penumbra. Apenas um ponto de referência na escuridão. Esse seria um primeiro corte: a não correspondência entre a busca de um saber e o que é efetivamente transmitido na transferência. Esse corte localiza o momento que marca a diferença entre a formação do analista e o que se pensava antes, quer seja, instrução.

No seminário XXIV, Lacan fala desse saber em fracasso desde seu título. Ele provoca equivocando o leitor; *L'insu que sait de une-bevue s'aile a mourre*. Destaco três traduções possíveis desta frase, pela escrita e pela homofonia: a) o insucesso do inconsciente é o amor; b) o não sabido que sabe do insucesso de um equívoco é o jogo do amor (Maria da Penha); c) o insabido que sabe de um equívoco se asa no jogo (Márcio Leite). Nas primeiras lições do *L'insu* ele continua destacando o mesmo efeito.

não há senão do saber no sentido que eu disse no início, a saber, que a gente se engana. Um equívoco (une bévue) é do que se trata [...] não se pode nada dizer do homem a não ser que ele fracassado/caiu nele/dele [...] mas isso tem muita relação com o buraco central do toro. Não há progresso porque não pode haver. O homem gira em círculos se o que eu digo da estrutura é verdadeiro. Porque a estrutura, a estrutura do homem é tórica (sem 24-pag21).

Nesse seminário, Lacan retorna à topologia para falar do interior e exterior e marcar a diferença em relação ao inconsciente freudiano. O interior e o exterior estão um em relação ao outro, numa medida que podem se sobrepor. Como sabermos o que é e o que não é interior? Esse é o saber inconsciente como equívoco, que o chiste demonstra, na equivalência do som e do sentido.

Andar às voltas com o equívoco, sim. Na Escola também. Como não? Lacan recorre, na topologia, à banda de Moebius para falar do equívoco/ inconsciente.

Essa colocação em evidência de que, na dupla banda de moebius, o que está na frente, de um mesmo ponto de vista, passou para trás, do ponto de vista que permanece o mesmo, isso nos conduz a alguma coisa que, eu aí lhes incito, é da ordem de um saber-fazer, um saber-fazer que é demonstrativo no sentido que ele é não se dá sem a possibilidade de um equívoco (l'une bevue)"(pag-37).

O saber, o simbólico, o Outro se expressam no equívoco. Há um paradoxo. Como saber o que não se deixa apreender?

---

<sup>1</sup> Psicanalista, Membro da Escola Letra Freudiana

A Escola, como reunião de Psicanalistas, carrega os efeitos de *alíngua* e receberá em sua estrutura os efeitos disso. Do *savoir faire* ao *savoir y faire*. Como tirar proveito, na Escola, sustentando o que é relativo ao inconsciente?

Antes na análise, mas também na Escola, o que é possível que a experiência com *alíngua* transmita? Há, na estrutura, algo que é solidário ao ser falante. Condenados, por um lado, a vagar na cadeia significante em busca de um, que não nos tenha sido dado. Por outro lado, é possível que isso cesse de se escrever.

Se vocês são psicanalistas, vocês verão que é um forçamento por onde um psicanalista pode fazer ressoar outra coisa, outra coisa que o sentido, porque o sentido é o que ressoa com a ajuda do significante, mas o que ressoa, isso não vai longe, e antes de tudo fraco (pag-128).

Isso não vai longe, porque isso faz três, pois a linguagem impõe uma lógica ternária. E com isso estamos fadados a não fazer relação. Na Escola, é possível sustentar essa lógica para que o real e o imaginário não sejam envelopados pelo simbólico. “O real de que se trata é o nó inteiro, pois, uma vez que falamos do simbólico, é preciso situá-lo no real”. O aplanamento disso é sempre possível, imaginando uma lógica binária. Na insistência do trabalho, isso não cessará de não se escrever. A Escola deve recolher esses efeitos, sustentando o real que deve estar em jogo na transmissão. E isso é importante que esteja articulado à formação do analista, porque é aí que algo da verdade pode tomar sua aparência.

A aparência que Lacan chamará de paresser

Não há senão o paresser do que temos a saber ; o ser (l'être), no caso, se não sendo uma parte do falasser (parlêtre), como eu disse, quer dizer, daquilo que é feito unicamente disso que fala. [...] O real, tal como aparece, o real diz a verdade, mas ele não fala, e é preciso falar para dizer qualquer coisa que seja (pag-78,79).

Suportar essa parte com a qual não fazemos relação, na formação analítica, é a possibilidade de extrair o saber no real. Cada analista contribuirá com o seu dizer para a transmissão da Psicanálise. Cada um, no seu próprio tempo, passará, no que transmite, o impossível de fazer relação com o saber.

Consistindo esse enlaçamento, as contribuições imaginárias de cada um sedimentarão a sua própria construção de escola. Com esse “imaginário que sempre se engana” (pag-80), cada um se dirigirá à Escola. A busca particular de cada um falará de suas desventuras com a instituição do saber. Porém, não há como escapar desse desencontro e da tentativa de encobri-lo. Cada um com seu estilo fará as alianças possíveis, criando a consistência necessária para que o trabalho perdure.

Desta forma, podemos falar de uma construção um a um. Há a Escola para a qual todos se endereçam, e a escola, que tomei a liberdade de escrevê-la com letra minúscula, por sua afinidade para representar o que está em referência ao real. Ele, atado com o que a linguagem suscita em referência ao simbólico e imaginário, modifica o sentido. “É que a própria idéia de real comporta a exclusão de todo sentido. Não é se não na medida em que o real é esvaziado de sentido que nós podemos apreendê-lo um pouco” (pag-100).

Assim, é possível uma outra forma de enlace à Escola. Cada um se experimentará em lugares possíveis, passando a criar com os demais membros a estrutura necessária em que cada um, na forma de elo, mantém sua aposta. Para tal, nesse percurso, o trabalho concomitante da análise do analista tece as condições suficientes e necessárias para um passo a mais. Um corte, de onde advém a separação, e

posterior instalação da causa no seu devido lugar e, neste momento, o que é possível se distingue com mais nitidez.

Este corte produz efeito na Escola. As medidas e distâncias tomadas se modificam. Trabalha-se de outra maneira. A maneira possível, singular, que não se confunde com qualquer outra. O que a Psicanálise anuncia, a partir de seu discurso, é que o inconsciente é algo impossível de apreender.

O inconsciente se limita a uma atribuição, a uma substância, a alguma coisa que é suposta estar debaixo e o que a psicanálise enuncia é bem precisamente que isso não é senão uma, digo, dedução suposta, nada mais. (pag-139)

Uma dedução suposta, nada mais. Se o analista levou até esse ponto sua análise, produziu um esvaziamento de sentido; e, no que diz respeito à Escola, poderá surgir algo novo. Algo da ordem do saber se virar (*savoir y faire*) e não mais a procura de um *savoir faire*.

Saber se virar (*savoir y faire*) é diferente de saber fazer (*savoir e faire*). Isso quer dizer desembaraçar-se (*se débrouiller*), mas esse “y faire” indica que não se pega, em suma, verdadeiramente a coisa em conceito. (pag-44).

O analista é efeito desse discurso e participa dele na escola, interrogando a prática e seus efeitos. Esse elo é uma proposta única de escola. Tecido na experiência. Efeito de um sujeito, sem espelhamentos, ideais ou identificações. Recomenda-se encontrar uma posição na escola que seja desembaraçada do saber-fazer, que manteria o analista em um tipo de aplanamento recompensador. O trabalho de escola é um empenho em levar aos seus pares os efeitos do *savoir y faire*, com essa lógica ternária.